

LENIN E O *QUE FAZER?*

Loreta Valadares

Escrito no início do século XX (1902), que significado poderá ter o **Que Fazer?**, hoje, justamente à entrada do novo milênio? Mais ainda, face à derrota de experiências socialistas iniciadas neste século que finda e à falência dos partidos que as dirigiram, pode-se ler o **Que Fazer?** com os olhos da atualidade? Incrível, mas é Lenin mesmo quem fornece os indicadores para responder a estas questões no Prefácio da Recompilação “Em Doze Anos” (recompilação de artigos de Lenin, publicada em 1908), quando diz que “o principal erro em que incorrem as pessoas que na atualidade polemizam com **Que Fazer?** consiste em que separam por completo este trabalho de determinadas condições históricas, de um período determinado do desenvolvimento de nosso partido (...)”. O livro representa, segundo Lenin, ainda no Prefácio de “Em Doze Anos”, “o resumo da tática e da política de organização do *Iskra*” para a unificação dos círculos e grupos isolados, quando a tendência predominante no movimento operário era o *economicismo*.

Que Fazer? é a síntese de uma intensa e apaixonada luta contra aqueles que defendiam a submissão ao espontaneísmo das massas e queriam confinar o movimento operário nos limites da luta econômica. Tem como alvo certo os que subestimavam a teoria e menosprezavam o papel do partido na elevação da consciência política das massas. “Corrige polemicamente o economicismo”, a “nota forçada dos *economicistas*”, daí a necessidade de acentuar o papel da organização de revolucionários profissionais, de dar ênfase à formação da consciência política ao exterior da luta econômica. Lenin considerava “rídicas” as críticas que, anos após a publicação do **Que Fazer?**, eram feitas “ao exagero da idéia da organização de revolucionários profissionais”, porque estavam fora do período histórico da construção do partido. Quanto à relação espontâneo/consciente, Lenin recusou a manobra de Plekhanov que, usando frases soltas, fora do contexto, queria retomar a polêmica em termos filosóficos, (relação ser/consciência), quando o tratamento dado em **Que Fazer?** é político-ideológico.

É, portanto, no próprio **Que Fazer?** que está indicada a necessidade de sua leitura política. Fazê-lo, sob a ótica da historiografia política significa não somente retrazer velhas polêmicas, mas com elas polemizar nas novas condições históricas. Significa retomar a análise dos problemas centrais da concepção de partido, libertar a teoria leninista de partido do confinamento a que ficou reduzida, tendo presente que as questões relativas ao partido devem

* Publicado originalmente em *A Classe Operária* nº 196, 15 de dezembro de 2000 – p. 11.

ser entendidas em seu desenvolvimento dialético e que a teoria de partido precisa estar em permanente elaboração.

Foi a compreensão rígida e absolutista das teses de **Que Fazer?** e alguns outros trabalhos de Lenin que levaram ao engessamento da concepção de partido nas experiências socialistas, que sequer levaram em conta que no conjunto de sua obra sobre a teoria de partido, Lenin alternadamente favoreceu, de acordo com as condições históricas de países diferentes, ou um partido conspirativo de quadros ou um grande partido democrático de massas, conforme assinala Monty Johnstone¹. Assim, em Lenin não há apenas um modelo rígido de partido.

Predominou sempre em Lenin (e isto perpassa todo o conteúdo do **Que Fazer?**) a febril presença de um elemento ativo no processo de elaboração da teoria de partido, que revela estreita relação entre teoria e prática na construção do partido. É por isso que não se pode ver a teoria leninista de partido apenas como um sistema de normas organizativas, prontas a serem aplicadas. Porque elaborada ao calor das lutas ideológicas e levando em conta as avaliações políticas concretas, a concepção leninista de partido faz emergir conceitos e princípios que fundamentam uma política de construção de partido ainda hoje insuperáveis. Em **Que Fazer?** vamos encontrar estes fundamentos, de caráter político-ideológico (mais tarde Lenin irá trabalhar sobre os princípios organizativos em **Um Passo Adiante, Dois Atrás**), que revelam o caráter de classe do partido e sua oposição a toda e qualquer forma de oportunismo. Tais fundamentos são: o conceito político de vanguarda e a idéia da fusão da teoria socialista com o movimento espontâneo da classe operária (em matéria de organização, Lenin mais tarde irá desenvolver a dialética centralismo-democracia). São estes os fundamentos sobre os quais se pode assentar uma política de construção de partido, alheia a qualquer tipo de concepção fatalista – ao avanço da classe corresponde necessariamente o fortalecimento do partido – ou dogmática – o partido se constrói a partir de regras orgânicas pré-fixadas, independentemente das condições históricas e políticas.

Nem dogmatismo, nem fatalismo em **Que Fazer?** Foi sua leitura dogmática e não política que levou a distorções na concepção de partido ao longo do movimento comunista internacional. Pois foi justamente contra a ossificação dogmática que Lenin dirigiu suas últimas idéias em **Que Fazer?** Após escrever “é preciso sonhar”, Lenin logo diz que se assustou imaginando uma situação no “congresso de unificação” em que alguns camaradas poderiam questionar o direito de sonhar “sem prévia autorização dos comitês do partido” ou se “algum marxista teria o direito de sonhar”, já que “segundo Marx a humanidade sempre pôs perante si tarefas realizáveis”... Lenin diz que só de pensar nestas perguntas pensa logo em se esconder. E se esconde atrás de Píssarev (crítico literário e filósofo materialista russo) que elabora aquela conhecida idéia sobre a relação entre sonho e realidade: “...o desacordo entre o sonho e a realidade nada tem de nocivo, sempre que a pessoa que sonhe acredite seriamente no seu sonho, observe atentamente a vida, compare as suas observações com os seus castelos no ar e, de uma maneira geral, trabalhe escrupulosamente para a realização de suas fantasias. Quando existe um contacto entre o sonho e a vida, tudo vai bem”.

¹ Johnstone, Monty, Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda, in Hobsbawm, **História do Marxismo**, vol.6, Paz e Terra, RJ, 1988, p.16

Hoje, como ontem, a questão de partido continua sendo chave na luta contra a burguesia mundial. É certo que o partido hoje necessita dar novas e avançadas respostas aos novos e grandiosos problemas postos pelas condições históricas de um mundo globalizado e neoliberal. Não pode ter, certamente, as mesmas feições do partido do tempo de Lenin, mas colocando-se a questão de partido no bojo da luta contra o neoliberalismo, e baseado em princípios, podemos sonhar com “um partido marxista-leninista, de feição moderna, capaz de realizar a grande política destinada a mudar os rumos do país”.²

² Dos Documentos do 9 Congresso do Pcdob, *Fortalecer o Partido para derrotar as forças da reação e do imperialismo e abrir caminho à vitória do socialismo*